

AGNOSIA EPISTEMOLÓGICA

EPISTEMOLOGICAL AGNOSIA

Carlos Roberto Carvalho

UFRRJ

carlosbeto.carvalho@gmail.com

Affonso Henrique Vieira da Costa

UFRRJ

affonso.henrique@uol.com.br

Resumo

O trabalho ora desenvolvido tem como objetivo discutir o tema da agnosia epistemológica a partir de uma reflexão em torno de textos literários como, por exemplo, o Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago, o texto teatral Os cegos, de Michel de Ghelderode e fragmentos de diversos poetas, tais como Carlos Drummond de Andrade, Rubem Alves, Eduardo Alves da Costa, Shakespeare, assim como críticos literários e pensadores como Chomsky, Volochinov e Hannah Arendt. Com estes textos escolhidos ao longo da elaboração do que aqui é proposto, buscou-se apreciar a vida e como ela é vista, sobretudo, pelos artistas, pintores, cientistas e poetas; buscou-se ver/pensar a vida sem moralizá-la, com o intuito de desvelar o homem em sua nudez, com suas máscaras; apresentá-lo sem subterfúgios, ser de vida e de morte. Tal pressuposto possibilitou a realização desse breve texto, tecido por pequenas tramas, como uma colcha de retalhos feita desde uma ideia que vai percorrendo o todo, lentamente, abrindo-se no âmbito de seus desdobramentos, fazendo uso de fragmentos de romances, poesias ou ainda dramas. Tudo cultivado e colhido nos livros, permitindo abrir sentidos para a compreensão da realidade que pode cegar e iluminar. Tudo com um objetivo maior: abrir um espaço para a compreensão dos limites mesmos da ciência e da epistemologia no que se refere à totalidade do real, sempre inabarcável, intransponível, inexplicável e fundador, desde tempos imemoriais, da pergunta pelos porquês.

Palavras-chave: Agnosia epistemológica. Cegueira. Ciência. Arte. Vida.

Abstract

This article proposes to discuss the Epistemological Agnosia based upon a reflection on literary texts such as José Saramago's book "Ensaio sobre a Cegueira", the theatre play "Os Cegos", by Michel de Ghelderode, and several poems fragments from renowned poets such as Carlos Drummond de Andrade, Rubem Alves, Eduardo Alves da Costa, Shakespeare, as well as literary critics and thinkers' works like Chomsky', Volochinov and Hannah Arendt. With the chosen texts in mind our main proposition here was to seek references of life perception and how it is seen, above all, by artists, painters, scientists and poets. Our intention is to see/think about life without any moralization of it, in order to unveil the man in his nakedness but with his masks; presenting him without subterfuge on either life or death. Such conjecture was the context of this brief text, made of small plots like a patchwork from an idea that goes through the whole, slowly opening up within its scope using fragments of novels, poetry or dramas. The texts were collected in a variety of books which allowed us to open our senses for a better understanding of reality that can blind and enlighten us at same time. Everything with a greater purpose which is to broaden a space of understanding, the very limits of science and epistemology regarding reality that is always the insurmountable and inexplicable realm of fundamental questions, such as the big 'why', since the beginning of times.

Keywords: Epistemological Agnosia. Blindness. Science. Art. Life.

I ntrodução

- Não lhe encontro qualquer lesão e seus olhos estão perfeitos.
- Se meus olhos estão perfeitos [...] então por que estou eu cego.

J. Saramago

I

Esta história começa e termina assim: na epígrafe.
História que não responde à pergunta.

Cego - Se meus olhos estão perfeitos, então por que estou eu cego?
Médico - O que quero dizer é que se o senhor está de facto cego, a sua cegueira, neste momento é inexplicável... ¹

As páginas que se seguem são uma tentativa de mostrar o que é a cegueira a partir de leituras que se pretendem afinadas com algumas das exposições de Saramago, Ghelderode, Chomsky, São Mateus, Drummond, Rubem Alves, Eduardo Alves da Costa, Shakespeare, Volochinov e Hannah Arendt. Elas têm a intenção de abrir um espaço para a compreensão dos limites mesmos da ciência e da epistemologia no que se refere à totalidade do real, sempre inabarcável, intransponível, inexplicável e fundador, desde tempos imemoriais, da pergunta pelos porquês.

O fato é que o tema da cegueira (ou da visão) é recorrente tanto na ciência quanto na arte, assim como na vida. Tema que traz sempre no seu bojo outra perplexidade, qual seja: a de “haver mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia”.² Shakespeare nos fala do que parece ser óbvio: não vemos tudo através de tudo e, portanto, sofremos de algum tipo de cegueira. Provavelmente soframos da pior das cegueiras: *não vemos que não vemos*. Cegueira sobre a cegueira: “[...] não vemos o que vemos, nós vemos o que somos” ³. Independentemente da fonte, fiquemos com a sugestão: só vemos aquilo que já trazemos conosco, aquilo que, de antemão, já nos veio ao encontro, mesmo tendo total desconhecimento acerca disso. Só vemos a partir de um determinado ponto de vista, de um modo de ser já constituído ao longo do tempo. Por

¹ Trecho adaptado de “Ensaio sobre a cegueira”, José Saramago, 1985, p.23.

² Fala de Hamlet na peça de mesmo nome. William Shakespeare criou falas que ganharam ruas, mentes e corações do mundo inteiro. Suas frases e ideias tornaram-se ditos populares, aforismos, anedotas e expressões que se repetem através dos séculos. Embora o pai de Hamlet tenha sido assassinado por um líquido vertido em seu ouvido, e isso marca, de algum modo, toda a peça, como uma espécie de surdez em que Hamlet se encontra, a cegueira se faz também aí presente. Ambas (surdez e cegueira) fazem repercutir a ausência de atenção a um sentido maior que atravessa toda a realidade, perfazendo o tipo do homem moderno, contemporâneo.

³ Trata-se de uma passagem de Rubem Alves em um de seus livros, cuja data e página se perderam, restando-nos apenas um endereço: <https://kdfrases.com/frase/114688>.

isso, a pergunta que sempre nos sobrevêm na forma do espanto: De onde vemos o mundo e o que vemos? Como vemos? Não há como sequer formular honestamente estas perguntas se não colocamos em questão o nosso próprio modo de ser.

Os textos que aqui nos ocupamos desejariam cumprir esse destino, a saber, aquele que libera os caminhos para que o nosso olhar possa ver e, sobretudo, ver que não vê, de maneira a permitir que a reflexão venha a se manifestar em toda possibilidade da cegueira, da cegueira sem eira e nem beira, que se aloja, num primeiro momento, sem por que e nem para quê.

Com estes textos escolhidos, colhidos e acolhidos ao longo da elaboração desse brevíssimo trabalho, queremos apreciar a vida como ela é vivida, como ela é vista, sobretudo, pelos artistas, pintores, cientistas e poetas. Vida como metáfora da própria vida: arte que não moraliza, condena, apenas mostra o homem na sua miséria, na sua glória, na sua nudez, na sua máscara; mostra o homem sem mistificação, entre luzes e sombras.

Tal apreciação é o que possibilita a realização do trabalho ora proposto, que é tecido por pequenas tramas, tal como uma colcha de retalhos feita a partir de uma ideia que vai percorrendo o todo lentamente, abrindo-se no âmbito de sua elaboração, fazendo uso de pedaços (fragmentos) de romances, de poesias ou ainda de dramas. Coisas e fatos que vamos colhendo nos livros, no mundo, no meio do caminho que sempre tem uma pedra e que faz-nos lembrar da vida de nossas retinas tão fatigadas ⁴. Coisas que nos permitem abrir sentidos para a compreensão da realidade que nos cega ou nos ilumina no fluxo da vida cotidiana. Isso por que

Apenas à medida que a obra é capaz de interligar-se ininterrupta e organicamente com a ideologia do cotidiano de uma época, ela é capaz de ser viva dentro dela [...]. Fora dessa ligação, ela deixa de existir, por não ser vivida como algo ideologicamente significativo (VOLOCHINOV, 2017, p. 214.).

A passagem de Volochinov é importante, mas não significa dizer que a obra está submetida à ideologia de qualquer época que seja. Ela, antes, provoca o debate ideológico justamente porque é anterior e está acima das ideologias como uma espécie de fundadora destas, articulando, de alguma maneira, os sentidos presentes no cotidiano. É aí que ela existe, atravessando e constituindo a história, fazendo vir à tona a vida da vida de uma determinada época histórica.

⁴ Importante a leitura do poema “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade, contido no livro *Alguma poesia*, publicado pela primeira vez em 1930.

Daí advém o caráter fundador dos textos que aqui foram dispostos para abordar o tema da cegueira. Tema que nos pergunta com a voz das alturas: Pode um cego guiar outro?

Mais que responder a pergunta, pensar a partir dela, sem corrimãos, porque “O importante é pensar”, diz-nos Hannah Arendt, em *A vida do espírito* (2008), passagem que atravessa toda a sua obra.

Diante disso, vamos às cenas da vida contadas por José Saramago (1922) em seu *Ensaio sobre a cegueira*; vamos às cenas da vida pintadas por Bruegel (1525)⁵; vamos às cenas de Bruegel dramatizadas por Ghelderode (1898); vamos por entre tantos outros autores que aqui aparecem, vagalumes delicados que nesta noite escura nos enfeitam a paisagem, nos velam, nos iluminam: Drummond, Eduardo Alves da Costa, Rubem Alves, Mateus, Lucas, Jesus de Nazaré, Chomsky, Volochinov, Hannah Arendt. Homens diferentes de tempos diferentes: dramaturgo, pintor, romancista, poeta, evangelista, cientista. Homens diferentes que nos falam da mesma coisa, do mesmo tema: o mesmo diferenciado: Pode um cego guiar a outro cego?

II

[...] o médico subiu e baixou o sistema binocular do seu lado, fez girar parafusos de passo finíssimo, e principiou o exame. Não encontrou nada na córnea, nada na esclerótica, nada na íris, nada da retina, nada no cristalino, nada na mácula lútea, nada no nervo óptico, nada em parte alguma. Afastou-se do aparelho, esfregou os olhos, depois recomeçou o exame desde o princípio, sem falar e quando outra vez terminou tinha na cara uma expressão perplexa, Não lhe encontro qualquer lesão e seus olhos estão perfeitos. A mulher juntou as mãos num gesto de alegria e exclamou, Eu bem te tinha dito, eu bem te tinha dito, tudo iria se resolver. Sem lhe dar atenção, o cego perguntou, Já posso tirar o queixo, senhor doutor, Claro que sim, desculpe, Por enquanto não lhe sei dizer, vamos ter que fazer mais exames mais minuciosos, análises, ecografia, encefalograma, Acha que tem alguma coisa a ver com o cérebro, É uma possibilidade, mas não creio, No entanto o senhor doutor diz que não encontra nada de mau nos meus olhos, assim é, não percebo, o que quero dizer é que se o senhor está de facto cego, a sua cegueira, neste momento é inexplicável, duvida que eu esteja cego, que ideia, o problema está na raridade do caso, pessoalmente, em toda minha vida de médico, nunca me apareceu nada assim, e atrevo-me mesmo a dizer que em toda a história da oftalmologia, [...] (SARAMAGO, 1985, p.23.).

⁵ A composição denominada “A Parábola dos Cegos” é uma pintura de Pieter Bruegel, inspirada em uma passagem bíblica (Mateus: 15:14). Bruegel apresenta um grupo de seis cegos, em fila indiana, sendo que o da frente conduz o que está atrás. O líder dos cegos é um músico, como mostra seu violão em meio à água. Ao cair de costas num brejo, o primeiro cego coloca os outros em apuros. O que vem atrás dele se desequilibra e é visto caindo, com sua vasilha de pedir esmolas voando pelos ares. Por sua vez, o terceiro cego, que traz um rosário e uma vasilha no cinto e um chapéu na mão, ligado ao segundo por um bastão, é também conduzido para uma inevitável queda, conforme mostram seus pés em desequilíbrio. E, conseqüentemente, os outros também cairão, num efeito dominó.

A passagem acima apresenta o primeiro caso, aquele que irá se disseminar por toda a cidade; a cidade como se fosse o mundo e cada cego todo mundo; cada um de nós, sem exceção. Com sua bufonaria, a cegueira é anarquista, democrática, debochada, desorganizada, abala as certezas, as convicções; abala nossa humanidade; nossa piedade: “Piedade para pobres ceguinhos” – entoam uníssonos os cegos de Ghelderode, enquanto os cegos de Saramago mostram suas insônias e desassossegos.

Deitados nos catres, os cegos esperavam que o sono tivesse dó da sua tristeza. Discretamente, como se houvesse perigo de que outros pudessem ver o mísero espetáculo, [...] Sentada lúcida, a mulher do médico olhava as camas, os vultos sombrios, a palidez fixa de um rosto, um braço que se move a sonhar. Perguntava-se se alguma vez chegaria a cegar como eles, que razões inexplicáveis a teriam preservado até agora. Num gesto cansado, levou as mãos à cara para afastar o cabelo, e pensou, Vamos todos cheirar mal. Nesse momento principiaram a ouvir-se uns suspiros, uns queixumes, uns gritinhos primeiros abafados, sons que pareciam palavras, que deveria ser sê-lo, mas cujo significado se perdia no crescendo que as ia transformando em grito, em ronco, por fim em estertor. Alguém lá no fundo, Porcos, são como porcos. Não eram porcos, só um homem cego e uma mulher cega que provavelmente nunca saberiam um dos outros mais do que isto. (idem, *ibid.* p.99.)

A obra retoma o mesmo tema abordado nos evangelhos de Mateus, no momento em que este registra uma conversa entre Jesus e os fariseus. Momento esse em que Jesus advertia a esses últimos, homens que se arrogam guardiões da moral e dos bons costumes, sobre o perigo de um cego guiar ou querer guiar outro cego. Portanto, a parábola é dirigida a pessoas que se arrogam guias da sociedade, mas que na verdade são tão cegas quanto às outras.

A narrativa é comumente interpretada como uma metáfora de uma situação absurda e perigosa em que uma pessoa sem conhecimento deixa-se ser conduzida por outra que também não tem conhecimento algum sobre determinado assunto. É uma questão de impostura ética com sérias implicações pedagógicas: Como pode um cego ser guia de outro cego?

Apesar da gravidade, o caso é abordado em uma história curta, não há momento algum que se possa pensar que o Cristo esteja querendo interferir no curso da história humana. Seu reino não é deste mundo, ele não está interessado no que vai acontecer e que “cada um cuide de si”. Ele não dá conselhos, tampouco explica. Exemplifica: Quem tiver olhos para ver, que veja. E quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça. E nele se cumpre a profecia de Isaías, que diz: “Ouvindo, ouvireis, mas não compreendereis, e, vendo, vereis, mas não percebereis” (Mateus 13:14).

Jesus não condena a cegueira dos cegos, esta ele cura. Mostra a cegueira nua e crua dos olhos são que não veem: olhos fariseus. Olhos fariseus são aqueles que veem

o mundo segundo a lei e não segundo o mundo. É preciso pensar sem suas bengalas, “pensar sem corrimãos”, conforme “A política em tempos obscuros”, como nos aconselha Hannah Arendt. Por isso Jesus disse na sua autoridade divina: “Deixai-os. São cegos e guias de cegos. Ora, se um cego conduz outro, tombarão ambos na mesma vala” (Mateus 14:15).

“Deixai-os”. Como se percebe, não existe nenhuma tentativa de salvação, nenhuma complacência. O contrário disso não seria liberdade. “Deixai-os! Que cada um tome o seu caminho. Deus não tem nada a ver com isso: não tem nada a ver com a história, com o destino de cada homem. “Deixai-os”, e a resposta é sempre humana, sempre de cada um. Sem álibi. A parábola desenha a situação, mostra: não prescreve a receita, tampouco a planta do caminho: oferece as encruzilhadas das possibilidades. A decisão é sempre de cada um, intransferível. *To be, or not to be, that is the question* : ser ou não ser, eis a questão.

Ensaio sobre a cegueira é de profundo realismo poético e dramático. Mostra a cegueira dos homens nas encruzilhadas, de maneira que cada personagem tem um problema diferente, cada cegueira é própria de cada cego e não existe uma lei geral sobre a cegueira, existe uma história pessoal, individual, singular. Cega-se de repente e em qualquer lugar: no sinal, em casa, no trânsito, até no bordel durante o orgasmo, como foi o caso da rapariga de óculos. Cega-se e pronto, sem explicações.

Como foi que ceguei, como todos, deixei de ver de repente, estava em casa, não, então foi quando saiu do consultório do meu marido, Mais ou menos, Que quer dizer mais ou menos, que não foi logo logo a seguir, Sentiu alguma dor, Dor não senti, quando abri os olhos estava cega, eu não, Não o quê, não tinha os olhos fechados, ceguei no momento em que meu marido entrou na ambulância, Teve sorte, Quem, o meu marido, assim poderão estar juntos, [...] Mas esta cegueira é tão anormal, tão fora do que a ciência conhece, que não poderá durar sempre, E se fossemos ficar assim para o resto da vida, Nós, Toda a gente, Seria horrível, um mundo todo de cegos, Não quero nem imaginar (SARAMAGO, *ibid*, p.59.).

No livro, tal como na pintura de Bruegel ou no drama de Ghelderode, Saramago retrata suas personagens em busca de um abrigo. Elas são conduzidas pela mulher do médico (aquele que disse ao primeiro cego que o caso dele era caso sem explicação, era caso raro), que era e é a única pessoa vidente do grupo, mas que, para se resguardar de possíveis ataques ou discriminação, fingia-se cega. Dizia ela em conversa com o médico, aquele que ficou perplexo e depois cego ao constatar que os olhos que acabara de examinar eram perfeitos.

Que faço eu, se a minha maior preocupação é evitar que alguém se aperceba de que eu vejo. Alguns irão odiar-te por veres, não creias que a cegueira nos tornou melhores, também não nos tornou piores, Vamos a caminho disso, vê tu só o que se passa quando chega a altura de dividir a comida, Precisamente, uma pessoa que visse poderia tomar a seu cargo a divisão dos alimentos por todos os que estão aqui, fazê-lo com equidade, com critério, deixaria de haver protestos, acabariam essas disputas que me põem louca, tu não sabes o que é ver dois cegos, simplesmente cegos a lutarem, Lutar foi sempre mais ou menos uma forma de cegueira (Idem, ibid. p.135.).

Na peça “Os cegos”⁶, de Ghelderode, o mesmo fato acontece com Lamprido, o caolho clarividente, que é escorraçado pelos três cegos peregrinos a caminho de Roma indo pedir ao papa um milagre: o de fazê-los enxergar. São da região de Flandres (Bélgica), cidades de Bruges, Antuérpia e Gand. O drama se passa em uma estrada, perto de uma grande cidade. Ouvem-se os sinos. Ao ouvi-los, pensam estar nas proximidades de Roma. No entanto, giram no mesmo lugar, ciranda macabra, um mistura de bufões-cristãos. Havia dias que se encontravam nessa triste e ridícula situação. Ao vê-los assim perdidos e enganados, Lamprido, habitante das árvores e vizinhos dos pássaros, resolve ajudá-los. Apresenta-se como rei do País dos Fossos, o caolho clarividente. Os cegos pedem esmola, querem dinheiro e encenam a farsa de humildes pedintes. Lamprido nega. Oferece hospedagem e comida. Eles recusam. Querem dinheiro, não querem conselhos. Mesmo assim, Lamprido insiste e os adverte sobre os perigos do lugar. Descreve a topografia: um país de muitos fossos, pântanos e prados inundados. Mesmo assim, feito a pintura de Bruegel, os cegos seguem às cegas. Um atrás de outro. Praguejam Lamprido. Acusam-no de farsante e aleijado, gritam-lhe: caolho! Como pode um caolho ajudar a nós, cegos? – exclamam e zombam e seguem em direção não a Roma, mas à lama fétida! Abre-se a cortina. Canto lento. Sinos badalam. Passos. Homens avançam e segurando uns nos outros pelas pontas dos casacos pedem piedade. Entra Lamprido⁷.

Lamprido - Piedade tenho de cegos pecadores peregrinando. (ri)

Den Os- Por quê? (furioso) quem é você?

Lamprido- Sou Dom Lamprido, rei do país dos fossos, homem sábio que fica pendurado numa árvore em vez de caminhar totalmente para uma Roma aonde vocês jamais chegarão. [...]

⁶ O texto “Os cegos” foi escrito na Bélgica e em língua francesa, com o título original *Les Aveugles*. Ele apresenta o tema do conflito humano entre valores materiais e espirituais, questões essas que o tornam um texto universal e atemporal, portanto, bastante oportuno em nossos dias atuais, tempos de consumismo exacerbado e de mercantilização dos valores espirituais. A tradução para a língua portuguesa foi feita por Anibal. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/235102611/OS-CEGOS-docx>

⁷ Trecho da peça “Os cegos”, de Michel de Ghelderode (1898-1962), in.: cadernos de teatro N° 167, trad.: Anibal Machado, pp. 49-55.

De witte- não precisamos nem de ajuda, nem de conselhos! Por mais cegos que sejamos, os três juntos enxergamos bem claro.

Lamprido- Orgulhosos! Sabem vocês em que lugar estão?

De Wittte- Sabemos! Estamos nas altas montanhas, no limiar da campanha romana!

Lamprido- Pois sim! Então escutem!

Den Os. Sim, sim... somos cegos, não surdos. É o carrilhão de Roma!

Lamprido- incoerentes! Estão no país dos fossos. É preciso acreditar em mim, porque sendo caolho, tenho a vantagem de ver com um olho; mas só um olho basta. Há muitos cegos no país dos fossos, onde sou rei, eu, caolho clarividente.

Os três (com arrebatamento) Ih, ih, é uma aleijado... Ah, ah, diz que é clarividente. Eh! Eh! Acha que não estamos perto de Roma.

Den Os- Vai-te embora, rei caolho! Não queremos saber de ti! És um farsante e teu país de fossos não existe! Nossos longos cajados têm olhos e nos descrevem o aspecto das campinas. Sai daqui ou te batemos. [...]

Lamprido- vocês estão indo para o ocidente! Direitinho para a lama fétida, para o nada. Sigam!

E os cegos seguem o seu caminho e se precipitam nas profundezas do abismo, não acreditam que um olho só bastaria para ver. O problema não é só a cegueira, mas também a surdez. E neste caso de cegueira e surdez voluntária, fiquemos com as palavras finais de Lamprido, o rei caolho do país dos fossos! Ouçamos a sua oração fúnebre:

Nada posso fazer por eles! Os fossos são tão profundos... não cantarão mais os cegos! Acabou-se o caminho! Descansem em paz, meus irmãos, no velho barro de que todo mortal é formado. A noite avança. Vou ganhar de novo a minha árvore, onde entre os pássaros adormecidos, rezarei por vossas almas. Cegos, pobres ceguinhos. Amém (Ibid, p.54.).

É desta mesma peça que Saramago também parte para compor algumas cenas de seu ensaio. Peça esta que, por sua vez, inspirou-se na pintura de Pieter Bruegel (1568). Assim como a peça de Ghelderode, Saramago lança seus personagens ao abismo e vai mostrando-nos como as regras da civilização são quebradas e o instinto de sobrevivência vai tomando cada vez mais conta do homem.

Alguns cegos estavam a remexer-se nos catres, como todas as manhãs aliviavam-se dos gases, mas a atmosfera não se tornou por isso mais nauseabunda, o nível de saturação já deveria ter sido atingido. Não era só o cheiro fétido que vinha das latrinas em lufadas, em exalações que davam vontade de vomitar, era também o odor acumulado de duzentas e cinquenta pessoas, cujos corpos macerados no seu suor, não podiam nem saberiam lavar-se, que vestiam roupas em cada dia mais imundas,

que dormiam em camas onde não era raro haver dejeções. [...] (SARAMAGO, 1985, p. 136.)

O romance de José Saramago não é história de cegos, mas da cegueira, da tragédia de uma civilização, um sintoma que contagia toda a sociedade, feito febre amarela, feito conjuntivite ou celular. É uma metáfora da catástrofe que abate sobre homens e mulheres que, embora tenham olhos perfeitos, não veem porque não estão conseguindo ver e tampouco levam em consideração os fatos e suas constituições. O poeta Eduardo Alves da Costa, em seu poema “Caminho com Maiakóvski”⁸, cujos versos acessamos na internet, nos descreve os processos de agnosia e silenciamento.

Na primeira noite eles se aproximam
e roubam uma flor
do nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na segunda noite, já não se escondem:
pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia,
o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz, e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada⁹
(In.: <http://www.jornaldepoesia.ior.br/autoria1.htm>)

Quem também pensa assim é Noam Chomsky, um Lamprido contemporâneo de noventa anos que, de vez em quando, desce de sua árvore e interpela os cegos que encontra pelo caminho. Trata-se de um velho ativista. Recentemente, em 12 de março de 2018, concedeu entrevista a Jan Martínez Ahrens, jornalista do jornal El País¹⁰, para todos os cegos do mundo. Pergunta este a Chomsky: Vivemos uma época de desencanto? Eis o que responde.

Já faz 40 anos que o neoliberalismo liderado por Ronald Reagan e Margaret Thatcher, assaltou o mundo. E isso teve um efeito. A concentração aguda de riqueza em mãos privadas veio acompanhada de uma perda do poder da população geral. As pessoas se sentem menos representadas e levam uma vida precária, com trabalhos cada vez piores. O resultado é uma mistura de aborrecimento, medo e escapismo. Já não se confia nem nos próprios fatos. Há quem chama isso de populismo, mas na verdade é

⁸ No caminho com Maiakóvski, que não é de Maiakóvski, mas teria parentesco com Martin Niemöller, um pastor luterano, mas é de Eduardo Alves da Costa. Guarda certa semelhança com outro poema um pastor luterano, alemão.

⁹ Acessado: <https://www.pensador.com/frase/MTc5ODU2/> em 03/04/2018.

¹⁰ Acessado: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/06/cultura/1520352987_936609.html em 03/04/2018.

descrédito das instituições. [...] A desilusão com as estruturas institucionais levou a um ponto em que as pessoas já não acreditam nos fatos. Se você não confia em ninguém, por que tem de confiar nos fatos? Se ninguém faz nada por mim, por que tenho de acreditar em alguém? A maioria está servindo aos interesses de Trump. Olhe a televisão e as primeiras páginas dos jornais. Não há nada mais que Trump, Trump, Trump. [...] *Enquanto isso, o flanco selvagem dos republicanos vai desenvolvendo sua política de extrema direita, cortando direitos dos trabalhadores e abandonando a luta contra a mudança climática, que é precisamente aquilo que pode acabar com todos nós*- grifo nosso.

As palavras de Chomsky corroboram as palavras de Saramago, de Ghelderode e de Eduardo Alves. Elas marcam o raro momento que a arte, a ciência e a vida se unem num mesmo recado. Nas palavras de Chomsky percebemos que a grande mídia apresenta um mundo de ilusão e desilusão – *Fake News* –, contribuindo para uma cegueira assintomática. A mídia nos distancia da verdade dos fatos, nos desvia o olhar do aqui e agora. Ela nos pauta e, com isso, nos envia para o interior da caverna da qual nunca saímos. Enquanto isso,

... o flanco selvagem dos republicanos vai desenvolvendo sua política de extrema direita, cortando direitos dos trabalhadores e abandonando a luta contra a mudança climática, que é precisamente aquilo que pode acabar com todos nós (Chomsky, in.: El País.).

Histórias de olhos que não têm nada porque nada têm, nada retêm porque nada os detém; histórias de olhos que desacostumaram a olhar com atenção para a natureza, para os semelhantes; olhos que desaprenderam a ver; tempo de barbárie e de depuração; tempo de desamor, de irreligião e de desilusão. Tempo em que não se diz mais meu Deus! Tempo em que “as guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios provam que a vida prossegue e nem todos se libertaram ainda...” (ANDRADE, 1985, p.78.).

A luz apagou-se, mas nas trevas, na caverna onde nos encontramos em plena luz do dia, nossos olhos ainda resplendem no vazio. Agnosia: branco no branco tal qual uma tela de Malevich. Ali parado naquele semáforo, se dá o primeiro caso, um caso raro.

Ninguém diria. Apreciados como neste momento é possível, apenas de relance, os olhos do homem parecem sãos, a íris apresenta-se nítida, luminosa, a esclerótica branca, compacta como porcelana. As pálpebras arregaladas, a pele crispada da cara, as sobancelhas de repente revoltas, tudo isso, qualquer o pode verificar, é que se decompôs pela angústia. [...] Estou cego, estou cego repetia, repetia com desespero enquanto ajudavam a sair do carro, e as lágrimas, rompendo, tornaram mais brilhantes os olhos que ele dizia estarem mortos (SARAMAGO, *ibid*, p.12.).

Pouco mais tarde, no consultório do médico o caso se confirmará. O fato é que, ao examiná-lo, o médico não encontrou nada.

Não encontrou nada na córnea, nada na esclerótica, nada na íris, nada na retina, nada no cristalino, nada na mácula lútea, nada no nervo óptico, nada em parte alguma (Id, ibid, p. 23.).

Nada, nada, nada em parte alguma é toda a parte do problema, pois não há forma de fazer ciência sobre o nada. Em *O que é metafísica?*, Heidegger diz-nos que “a ciência nada quer saber do nada”. Não quer saber não por um cochilo ou uma irresponsabilidade dela. Simplesmente ela não pode. E seu problema é querer dar conta do que não pode. É se arrogar no direito de dar respostas a tudo. Ela nada pode com essa cegueira. No entanto, em querendo dar conta dela, cai no que denominamos de agnosia epistemológica.

Isso se torna bastante explícito no texto *A coisa*, também de Heidegger, quando o pensador procura pensar no que é propriamente a coisa a partir de uma jarra. Ele diz aí que não é possível responder a questão sobre o seu ser caso a tomemos como um produto ou ainda como um objeto. O nosso olhar precisa, tal como o olhar da deusa Atena, protetora e conselheira daqueles que trazem as coisas do não ser ao ser, introduzir-se no próprio processo de produção, a saber, na gênese a partir da qual isso que é a coisa jarra vem a ser o que ela é. Nesse processo, isso que é o oco da jarra, segundo o filósofo, não é simplesmente a soma da parede e do fundo por onde se verte um líquido qualquer. Também não é, conforme pensaria a física, um espaço cheio de ar que, por conta de um líquido ser vertido, retiraria o ar do recipiente em troca do líquido derramado nele. O que Heidegger quer pensar aí, como aquilo que traz a jarra à luz, é o seu próprio nada, impensado pela ciência, mas que se revela no trabalho do oleiro que a configura respondendo pela sua matéria, sua forma e finalidade. Desse nada a ciência nada pode saber, pois sempre já parte da jarra como objeto de investigação científica e não como um fenômeno anterior de manifestação de sua coisalidade em que mundo se faz presente.

Trata-se, então, no caso analisado anteriormente, de uma cegueira sem indícios, que não se justifica e é impossível tratá-la. Por isso, o doutor, depois de examiná-lo por duas vezes, ficou perplexo diante do inusitado. Desculpando-se ao paciente, dá o veredito: “o que quero dizer é que se o senhor está de facto cego, a sua cegueira, neste momento é inexplicável (Id, ibid, p 23).

Olhos perfeitamente são, que têm tudo para ver, não veem. Olhos bons, inúteis, sem serventia. Esse é o núcleo do drama da cegueira que se desenrola ao longo do romance da vida. Cegueira inexplicável, que pergunta: já que temos olhos são para ver,

por que não vemos? Por que não vemos que não vemos? Um caso de agnosia¹¹ ou amaurose¹²? Na dúvida, o doutor pôs-se a ler tudo que ia encontrando.

[...] se o caso fosse de agnosia, o paciente estaria vendo agora o que sempre tinha visto, isto é, não teria ocorrido nele qualquer diminuição da acuidade visual, simplesmente o cérebro ter-se-ia tornado incapaz de reconhecer uma cadeira onde estivesse uma cadeira, quer dizer, continuaria a reagir corretamente aos estímulos luminosos encaminhados pelo nervo óptico, para usar uns termos comuns, ao alcance de gente pouco informada, teria a capacidade de saber que sabia e mais ainda de dizê-lo. Quanto a amaurose, aí nenhuma dúvida. Uma amaurose branca, além de ser etimologicamente uma contradição, seria também uma impossibilidade neurológica [...] (Id, ibid, pp. 29-30)

Qual a causa dessa cegueira que se espalha feito uma epidemia em plena luz do dia? Mais fácil perguntar do que responder. Desde as primeiras páginas, Saramago nos revela que não se trata de uma doença física verificável e diagnosticada por aparelhos ou quaisquer outros procedimentos técnicos, pois o doutor, ao examinar o paciente, não encontrou causa em parte alguma. Trata-se de olhos de um homem que sequer usava óculos e que, portanto, tinha olhos perfeitos. Olhos que, de uma hora para outra, deixaram de ver.

O médico perguntou-lhe, Nunca tinha acontecido antes, quero dizer, o mesmo de agora, ou parecido, nunca senhor doutor, eu nem sequer uso óculos (Id, ibid, p.22.).

Como podem olhos sãos não ver? É a pergunta que desde o início nos toma de perplexidade, indicando-nos que a ciência médica teria muito pouco ou nada a fazer. Portanto, não se trata de um caso clínico, mas de um caso raro em toda história da oftalmologia e, no momento, sem solução, já que esta, a oftalmologia, só se especializou em cuidar e tratar de olhos doentes e nunca de olhos sãos. É da boca do primeiro homem cego de olhos sãos que parte a pergunta que nos intriga ao longo de toda a narrativa: “Se meus olhos estão perfeitos, como diz, então por que estou eu cego” (Id, ibid, p.23.).

É aí que poderíamos localizar a raiz do drama das sociedades contemporâneas: olhos que, do ponto de vista médico, seriam capazes de ver, mas que não veem. Ao lançar esta questão, Saramago já nos faz perceber que aqui a ciência nada tem a fazer. Ela mesma, a ciência, se torna cega, muda e surda, pois não se pode fazer nada com o nada, não se pode curar o mau que não se vê e que não se determina sua causa material e objetiva. Sem ela não é possível prescrever o veneno, o remédio ou paliativo. O

¹¹ Agnosia (do grego antigo a+gnosis, não conhecimento) na perda ou deterioração da capacidade para reconhecer ou identificar objetos apesar de manterem a função sensorial intacta (visão, audição e tato).

¹² Amaurose ou Gota Serena é a perda total da visão, sem lesão no olho em si, mas com afecção do nervo óptico ou dos centros nervosos.

problema é que a cegueira não dói: “Como foi que cegou, como todos, deixei de ver de repente”,[...] Sentiu alguma dor, Dor não senti, quando abri os olhos estava cega (Idem, *ibid*, p.59.).

A cegueira de olhos são é um fato ainda sem explicações, é algo que não se explica, mas que se busca compreender sem nenhuma esperança de encontrar uma resposta. Uma resposta que não responde. Na última página do romance, Saramago arrisca uma provável.

Por que foi que cegámos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem (Id,*ibid*, p.310.).

Game over e, com isso, compreendemos o porquê da epígrafe escolhida para abertura do romance. Epígrafe que foi retirada do livro dos Conselhos: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. Para Saramago, outro Lamprido, não basta apenas ter a capacidade de olhar, mas, ao olhar, já que podemos fazê-lo, é preciso ver e, por sua vez, já que vemos, precisamos reparar e cuidar daquilo que vemos. E esta “obviedade” seria, talvez, o remédio a ser prescrito até para os casos mais graves de cegueira absoluta e total, tais como o racismo, o nazismo, o machismo, a homofobia, a fome e a miséria.

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. Neste jogo de diferenças entre ver e olhar: o olhar – o voltar-se para fora, para a coisa – aparece como a própria visão, como ato de enxergar, e o ver, como ato intencional de observar uma dada situação. O olhar é mecânico, é alheio, cego, animal; o ver é orgânico, ato de vontade, gesto humano que se encarna e sabe que está vendo aquilo que está a olhar: uma pedra, um elefante, um rato, um menino.

A questão que fica para nós é a mesma do primeiro cego quando este pergunta ao médico: Se nossos olhos estão perfeitos, como dizem, então por que estamos cegos? Deixemos, então, a ciência um pouco de lado e busquemos a resposta em outros lugares. Foi o que tentamos fazer com a literatura. Com isso, conforme afirmamos na primeira linha, a resposta já nos foi dada: não temos resposta. Esta seria, antes, um poder pairar sobre o problema da cegueira, isto é, um poder ir ao encontro da possibilidade de ver que não vemos, dispondo-nos a olhar de outra maneira para a realidade, um olhar que se predispõe à sua própria constituição, que é inapreensível às ciências, mas que as refunda dentro de seus próprios limites, reconhecendo que elas sofrem de agnosia epistemológica, doença que pode ser fatal, à medida que pode conduzir a humanidade à completa cegueira desde a ausência total de limites em todas as suas ações, o que pode

impedir cada vez mais outras possibilidades de conhecimentos e de revelação da realidade que estão para além das próprias ciências.

Por isso, a necessidade de pairar sobre o problema, colocando-nos também nele, de modo que possamos aprender a olhar e a ver a coisa na própria coisa, *olho no olho, olho a olho desde o fundo do olho*.

O cego abriu-os muito, como para facilitar o exame, mas o médico tomou-o por um braço e foi instalá-lo por trás de um aparelho que alguém com imaginação poderia ver como um novo modelo de confessionário, em que os olhos tivessem substituído as palavras, com o confessor a olhar diretamente para dentro da alma do pecador (Id, *ibid*, p.23.).

Como os cegos de Ghelderode, de Bruegel e de Saramago, estamos a caminho. Ao longe, ouve-se um lamento, um canto um grito! É Lamprido, o caolho clarividente a nos bradar ao fundo: há muitos cegos no país dos fossos! Nada posso fazer por eles, pobres ceguinhos.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. *Os Ombros suportam o mundo*. In: *Nova Reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1985, p. 78.

_____. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973.

ARENDT, Hannah. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

GHELDERODE, Michel. *Os cegos*. Peça em ato. Revista cadernos de Teatro, nº 167. Tradução de Anibal Machado. Rio Janeiro : Teatro Tablado, 2002, pp. 49-55.

HEIDEGGER, Martin. *Que é Metafísica?* In: *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. *A coisa*. In: *Ensaio e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2001.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SHAKESPEARE, William. *Teatro completo – Tragédias*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

VOLOCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Volkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Páginas acessadas da internet

- <https://www.pensador.com/frase/MTc5ODU2/> em 03/04/2018

- <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/06/cultura/> em 03/04/2018

Submetido em 18/04/2018, aprovado em 06/06/2018.